



Os técnicos discutiram com o governador a demolição das pedras do morro do Tabuazeiro

Técnicos apontam solução para Tabuazeiro

Contenção de algumas pedras, e um trabalho paralelo em drenagem superficial de toda a encosta do morro. Estas são algumas das providências imediatas sugeridas, ontem, pelos três especialistas vindos do Rio de Janeiro, para se tentar contornar os problemas do morro do Macaco, em Tabuazeiro, onde inclusive, existe ainda a possibilidade de novos deslizamentos.

As sugestões dos técnicos combinaram com as providências que a Secretaria de Obras da Prefeitura de Vitória já pensava em adotar no local, ficando agora, a nível de estudo, a maneira em que elas serão viabilizadas. Tanto os técnicos do Rio de Janeiro, quanto o secretário de Obras, Humberto Vello, sabem exatamente o que fazer. Vão estudar as formas de executá-las.

Acompanhados de uma escolta do Corpo de Bombeiros e peritos da Secretaria de Obras, os engenheiros do Rio de Janeiro, Mauro Batista e Urbano Heine, e o tenente coronel Tavares Silva visitaram o local da tragédia, detectando alguns pontos ainda vulneráveis a novos deslizamentos. Eles reconhecem que a situação é grave no morro do Tabuazeiro. "Realmente as condições de lá decima não são nada boas", comentou o engenheiro

Urbano Heine, sugerindo que a primeira providência que deve ser adotada é uma total limpeza da área, através de detonações controladas. Disse ainda que fotos aéreas do local são extremamente necessárias, para se ter uma visão global do desmoronamento para respaldar futuras ações.

Essas fotos aéreas, inclusive, deveriam ter sido feitas ontem mesmo, mas alguns imprevistos (não revelados quais) na empresa impediram que a Petrobrás cedesse o helicóptero, que estava combinado para esse fim. Segundo informações de Vello, o governo do Estado já está providenciando um outro aparelho e ainda hoje estas fotos aéreas deverão estar feitas e nas mãos dos engenheiros do Rio de Janeiro. Com elas, se terá uma noção geral do problema e quais as providências que deverão ser adotadas, apresentando-se um menor risco para as imediações do local. De acordo com as previsões do engenheiro Urbano Heine, as detonações não estão descartadas, inclusive as de grande norte.

"Não afastamos essa hipótese de grandes detonações, se concluirmos que aquelas pedras maiores correm riscos de, mesmo com muros de contenção, virem a desabar — frisou o engenheiro — alertando que a princípio devem

ser feitas pequenas detonações controladas, com o objetivo de se limpar toda a área, retirando-se todos os entulhos descidos com os últimos desmoronamentos. "Feito isso, poderemos dizer com mais precisão o que fazer no local", ponderou ainda Heine, justificando que, por enquanto, tudo ainda está a nível de teorias e que o mapeamento final somente será dado após exames mais detalhados no local. Ontem foi somente mantido, na opinião dele, um primeiro contato com o local.

Na opinião do outro técnico do Rio de Janeiro, Mauro Batista, geólogo, após a visita de ontem se inicia agora uma nova fase, a de troca de idéias entre os técnicos e engenheiros vindos de fora com os daqui, para providências em conjunto. "Vamos discutir o que fazer, pois a situação não está boa não", ponderou ele, acreditando que as pedras que ainda permanecem fixas no local deverão receber muros de contenção, e as que se movem, detonadas. Comentou também que as causas do deslizamento são explicadas por um fenômeno chamado de "intemperismo" — que é a decomposição de uma parte do morro mais rápido do que a outra, erosionando-se em fendas e descalçando as bases. Este fato, segundo ele, é imprevisível de se detectar com antecedência.